

PARTEIRAS RURAIS DO PAMPA GAÚCHO E SEUS SABERES DE OFÍCIO

EDUARDA BORGES DA SILVA¹; LORENA ALMEIDA GILL²

¹*Programa de Pós-graduação em História – Universidade Federal de Pelotas –
eduarda.historia.ufpel@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Esta comunicação enfoca os saberes de ofício das parteiras rurais do Pampa gaúcho (ARATA, 2013; BARROSO, 2001). Faz parte do projeto de mestrado em História da autora intitulado “O ofício de parteira ao sul do Rio Grande do Sul (1960-2009)”, o qual tem por objetivos compreender as transformações deste ofício; analisar os saberes e experiências das parteiras e promover uma discussão sobre os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres.

As historiadoras Rejane Jardim (1998), Nadja Brandão (2008) e Sandra Careli (1998) escreveram sobre parteiras do RS abordando a capital do Estado e a região metropolitana, entretanto, a Região Sul do RS e os anos posteriores à metade do século passado ainda não foram abordados pela historiografia.

O ofício de parteira demanda conhecimentos sobre o corpo da parturiente, da criança e das plantas medicinais (BARROSO, 2001). Arata (2013, p. 151) aponta que os saberes de ofício são aprendidos na prática, no trabalho do corpo, são “saberes incorporados”. “El saber socialmente válido fue homologado con el conocimiento elaborado por la cultura escrita. [...] al conocimiento se lo codificó a través de la letra escrita, deviniendo un tipo de saber des-incorporado, fuera del cuerpo, incorpóreo”.

O intuito deste trabalho não é identificar acertos ou erros das parteiras e nem se pretende traçar paralelos entre práticas da medicina popular e da douta, mas promover uma reflexão acerca das práticas das parteiras, compreendendo que há uma eficácia simbólica (LÉVI-STRAUSS, 1996) no seu agir, estabelecida pela confiança e pela solidariedade entre os membros de sua comunidade. E para que a ideia da parteira como “ignorante” “[...] encontrada não apenas na literatura médica brasileira do século XIX, como também na de vários países, tendo sido inclusive incorporada por historiadores e sociólogos do século XX” (MOTT, 1999, p. 25) pare de ser reproduzida.

A partir das entrevistas de História Oral Temática com as parteiras Cecília dos Santos, 97 anos e Dalva Luçardo, 76 anos, se observará quais os saberes de ofício que elas desenvolviam com as parturientes, o recém-nascido e com seu próprio corpo, quando vivenciaram o momento de parir.

2. METODOLOGIA

Na pesquisa de mestrado serão utilizados Manuais de Capacitação de Parteiras, legislação e blogs, para além das entrevistas. Nesta comunicação foram utilizadas, como fonte, duas entrevistas construídas a partir da História Oral Temática, na qual o tema é construído em um diálogo, se usa roteiros flexíveis e dois gravadores de som e/ou de imagem (MEIHY e HOLANDA, 2007).

Foram elaborados três roteiros diferentes: um para parteiras de hospital; outro para parteiras a domicílio urbanas e outro para parteiras a domicílio rurais (abordadas neste trabalho). Logo que localizadas as narradoras, foram explicitados

os objetivos da pesquisa e feito o agendamento das conversas. Posteriormente, os áudios foram transcritos e levados até elas para assinarem os termos de cessão de direitos de uso.

Para a interpretação das memórias de mulheres idosas, público entrevistado, parte-se dos pressupostos de Candau (2011) Bosi (1994) e Dias (1994). A memória reatualiza o passado no presente servindo aos interesses deste. É um jogo entre lembrança e esquecimento e é estratégica para a representação de identidade que se quer criar, tornar coerente e fixar (CANDAUI, 2011). O idoso, ao lembrar o passado, não está descansando, “[...] ele está se ocupando conscientemente e atentamente do próprio passado, da substância mesma de sua vida” (BOSI, 1994, p. 23). Recordar não é só uma função que o torna útil, mas que lhe investe de autoridade para falar do passado e dar conselhos aos mais jovens. Já Dias defende que é preciso uma “crítica feminista” à construção da historiografia que busque as resistências das mulheres e suas experiências (DIAS, 1994, p. 375).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento foram realizadas nove entrevistas com parteiras, uma com um médico que as treinou e foi coordenador da vigilância sanitária e outra com uma atendente de enfermagem que já foi parteira. Mais duas parteiras foram localizadas e se pretende concluir as entrevistas até o final de 2015. Todas as entrevistas estão transcritas e cedidas, inclusive as que estão sendo apresentadas neste trabalho.

Dona Cecília começou a atuar em 1936 no terceiro distrito de Piratini aos 18 anos, quando teve o primeiro filho. Relatou que pariu seus onze filhos sozinha. E, devido a sua experiência, outras mulheres passaram a lhe procurar para que as acompanhasse nesse momento.

la atender os partos a cavalo. Chegava à casa da parturiente e o primeiro procedimento era passar álcool dos seus cotovelos até as mãos e “afumentar” (massagear) a mulher. Logo após o nascimento da criança ela realizava o ritual de “fechar os ossos” da parturiente: “[...] botava na cama e deitava de lado que é pra apertar [...]. Porque os ossos abrem pra nascer a criança e era toda apertada pros ossos ir pro lugar.” Em seus partos amarrava fraldas em seu corpo e seu marido a apertava.

Quanto ao umbigo relatou como fazia para cauterizá-lo e evitar a perda de sangue e uma possível infecção do corte: “O umbigo da criança a gente [...] ata aqui bem atadinho, depois corta e depois agarra um ferro quente e encosta em cima, na ponta. [...] que com oito dias cai.”

Com relação à primeira alimentação do recém-nascido, dona Cecília afirma que é preciso limpar os intestinos da criança. Para isso ela dava um “chazinho do sabugueiro” e depois o leite da mãe. Já que o chá tinha o efeito de purgante ela considera como primeiro alimento ainda a “maminha”.

Dona Cecília mudou-se da zona rural para a urbana de Piratini, com 45 anos. Ao chegar à cidade já havia um hospital, onde as mulheres urbanas, segundo ela, preferiam parir e, devido à distância, não podia ir ao interior sempre que houvesse um parto. Depois disso, fez seus últimos atendimentos, acompanhando o nascimento dos netos. Também é benzedeira, ofício que aprendeu com sua mãe. Benze “erisipela, de ar, de sol e de quebrante, de mal olhado, [...] cobreiro”, tendo mais experiência nas moléstias infantis como o “sapinho” (candidíase oral).

Já Dona Dalva mencionou que começou a “parteriar” (forma que ela denomina seu ofício) aos 16 anos, na década de 1950, também no terceiro distrito

de Piratini, onde morou. Deixou claro sua atuação como de necessidade e que apesar de não diplomada possui um saber vinculado a sua coragem em aprender.

Menciona que as dores são um processo normal do parto e que tentava conscientizar e acalmar as mulheres disto. Contou das dificuldades da época, que usava um “barbante de saco” para atar o umbigo, que “só o que tinha pra desinfetar a tesoura e as mãos era álcool”, quando necessário desafogar o recém-nascido “o remédio que tinha era chupar o nariz” do bebê e para ajudar a mulher na amamentação “[...] nem as maquininhas pra gente apertar no peito da mulher, não tinha. Não existia. A gente tinha que lavar bem, amaciar bem e às vezes até pegar uma garrafa pra ajeitar, pra criar bico [no seio] [...]”.

Em relação à placenta, se esta demorava a vir, dona Dalva realizava uma simpatia e chamava este ato da expulsão de “deslívlar”: “[...] atava um barbantino daqueles desinfetados e atava assim pra não dar volta [...] na perna da mulher. [...] E a gente passava um café [...] purinho, dava três golinhos de café pra ela. Tipo de uma simpatia e aí botava [a placenta]!”

Também dava chá para o bebê antes do aleitamento como purgante, de funcho ou erva doce. Relatou conseguir prever em torno de quantos dias o bebê nasceria pelo tamanho do seio, que segundo ela, quando estava próximo crescia de leite até embaixo do braço: “Dou quatro dias pra essa criança nascer e nada mais’. [...] Dito e certo! [...] Então, estava ela tomando banho e eu disse: ‘não está vendo que já está crescendo até embaixo do braço?!”

As duas filhas de Dona Dalva nasceram através de partos cesáreos, porque, segundo o médico que lhe atendeu, possuía uma “imperfeição nos ossos” que a impossibilitava de ter filhos via vaginal: “Não abria, não adiantava esperar pra ganhar e eu já estava com muita idade, aí ele fez laqueadura. [...] o doutor [...] disse que não nascia porque a bacia era fechada. Porque a bacia se abre na hora e eu não tinha aquela juntinha de se abrir”.

Tinha mais de quarenta anos quando parou de partejar. Acredita que as mulheres foram parando de lhe procurar porque as estradas melhoraram, as pessoas da zona rural começaram a comprar carros e ir para a cidade na hora de parir e depois ela também se mudou para a zona urbana de Piratini.

4. CONCLUSÕES

As duas entrevistadas referem-se ao atendimento na parturição como um conhecimento adquirido na prática, sobretudo nos percalços desta e no qual é fundamental adaptar-se a especificidade de cada mulher, ao seu corpo, suas condições de parto. Ser parteira, segundo elas, demanda habilidades manuais para as massagens, para o corte do cordão umbilical; conhecer ervas medicinais; ter fé em Deus e orar para que tudo ocorra bem; possuir sensibilidade para entender a “dor do parto” e/ou os sentimentos vários que ele propicia e para estar à disposição durante as muitas horas de um trabalho de parto normal. Características que qualificam e tornam singular o trabalho de quem o desempenha.

Apesar das narrativas destas parteiras e do seu saber de ofício manter-se vivo através de suas memórias, no sul do RS as parteiras tradicionais não atuam mais (SILVA, 2014). Esta realidade é distinta das regiões do Norte e Nordeste brasileiras, onde as parteiras de experiência atuam cotidianamente a domicílio (BARROSO, 2001; SOUZA, 2007). E no Sudeste do Brasil algumas enfermeiras obstétricas e obstetritzas vinculadas à “humanização do parto” (TORNQUIST, 2004) se intitulam “parteiras contemporâneas” apropriando não somente o nome, mas

também práticas de suas antecessoras não diplomadas, como as massagens, o uso da fitoterapia e a assistência ao parto domiciliar.

Dona Cecília e dona Dalva se aposentaram pelo Funrural (Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural) como agricultoras. São trabalhadoras que dedicaram anos de suas vidas ao partejo sem nenhum amparo legal e, quando se aposentaram, não puderam ter a dignidade de constar esta função na sua Carteira de Trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTA, N. Los saberes de ofício: Notas conceptuales. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v.22, n.3, p.149-163, 2013.
- BARROSO, I.C. **Saberes e práticas das parteiras tradicionais do Amapá: Histórias e Memórias**. 2001. Dissertação (Departamento de História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Campinas.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, N.S. **Da tesoura ao bisturi, o ofício das parteiras 1897-1967**. 1998. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica - RS.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARELI, S. As transformações no ofício de partejar nas décadas iniciais da República no Rio Grande do Sul. In: **IX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA**, UFRGS, 2008, p.13.
- DIAS, M.O.L.S. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. **Revista Estudos Feministas**. n.2, p.373-382, 1994.
- JARDIM, R.B. **Revelando o implícito: Irmãs de Caridade e Parteiras na formação do saber médico em Porto Alegre - 1872 a 1940**. 1998. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica - RS.
- LÉVI-STRAUSS, C. A Eficácia Simbólica. In: **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. Cap.10, p.215-36.
- MEIHY, J.C.S.B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MOTT, M.L. A parteira ignorante: um erro de diagnóstico médico? **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, v.7, n.1, p.25-36, 1999.
- PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. In: **Projeto História**, PUC-SP. São Paulo, v.15, p.13-49, 1997.
- SILVA, E.B. **Narrativas paridas: Entre higienização e industrialização, parteiras da Região Sul do RS rememoram seu ofício**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.
- SOUSA, N.A. **Sábias mulheres: uma investigação de gênero sobre parteiras no Sertão do Ceará (1960-2000)**. 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- TORNQUIST, C.S. **Parto e poder: o movimento pela humanização do parto no Brasil**. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.